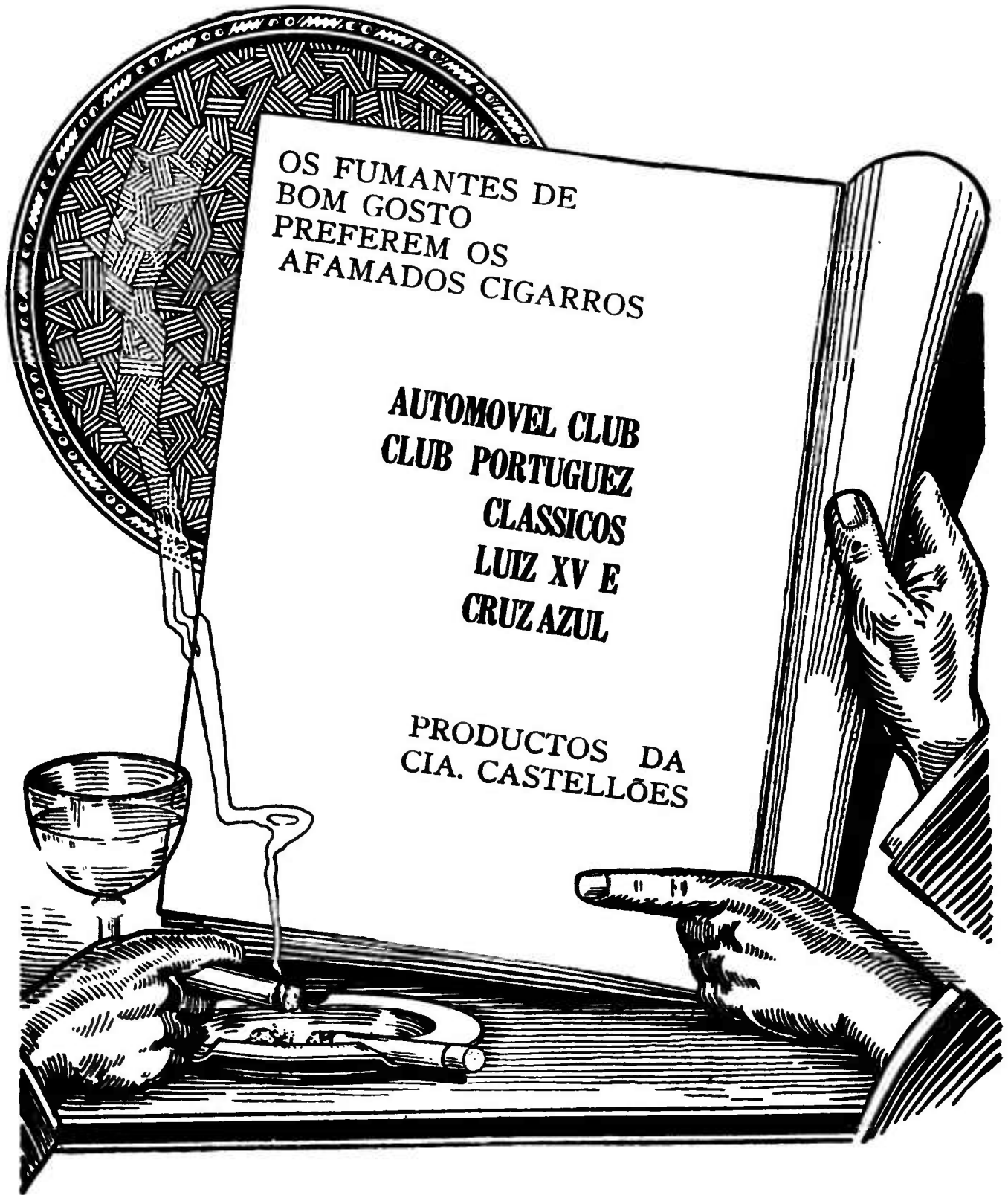
ARLEQUIM
REVISTA DE ACTUALIDADES
1-MARÇO-28
PREÇO 1$500
Nº 19

OS FUMANTES DE
BOM GOSTO
PREFEREM OS
AFAMADOS CIGARROS
AUTOMOVEL CLUB
CLUB PORTUGUEZ
CLASSICOS
LUIZ XV E
CRUZ AZUL
PRODUCTOS DA
CIA. CASTELLÕES

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se ás quintas-feiras, em São Paulo

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.o andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2 1.0.2.4

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno 40$000

Por semestre 22$000

Numero avulso 1$500

GERENTE

Horacio K. de Andrade

DIRECTORES

Sud Mennucci

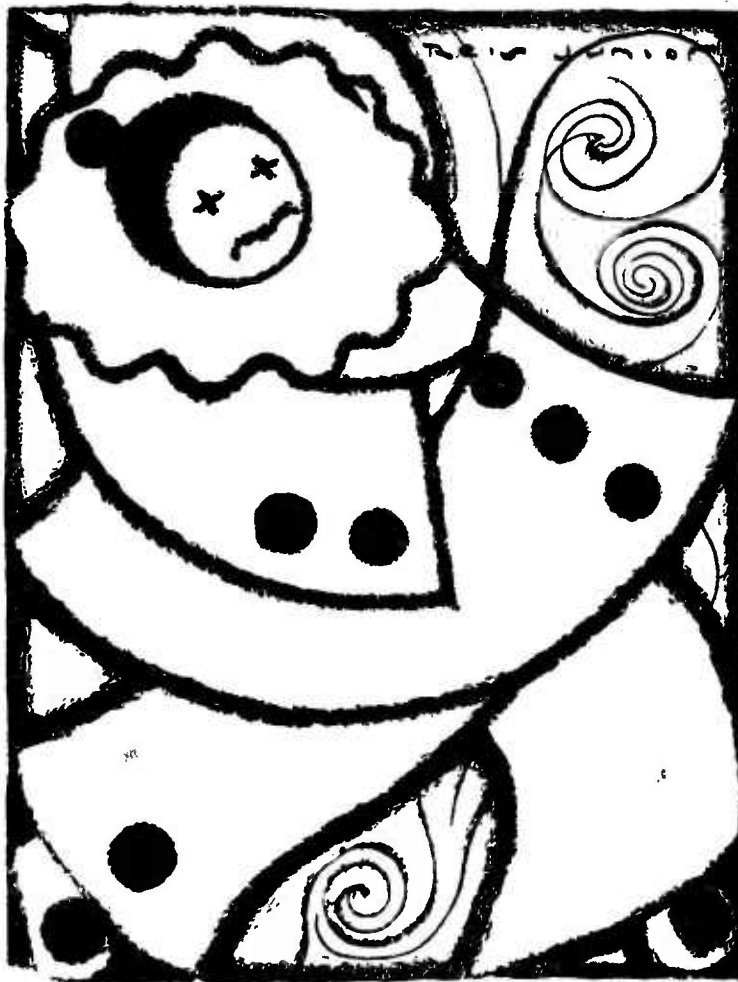
Mauricio Goulart

Americo R. Netto

ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES

ALBA DE MELLO (SORCIÈRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, FELIX QUEIROZ, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, PEDROSO D'HORTA, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

Parece, não é: a cara não é da Lua. E' a cara de um Pierrot nada triste, que percorreu todo S. Paulo em busca de Arlequim. Encontraram-se no sabbado: e foi então, para elle, o natal da Alegria que só findou na quarta-feira de manhan.

Raul Bopp

O Bopp, como o chamamos em casa, não é apenas um poeta, um grande poeta, um dos maiores, senão o maior que tem sentido e cantado a terra e a gente brasileiras. E' um realizador, destes que se largam pelo ar livre, á procura de motivos de sentimento e de trabalho. Ou que, numa mesa de escriptorio, imagina e systematisa, como o fez ha pouco, organizando a trama informativa da Agencia Brasileira e retilhando num mappa do paiz, primeiro entre os nossos geographos, o systema capillar das nossas estradas para automovel.

Agora Raul Bopp tem mais uma opportunidade para desdobrar em obra util a sua fecunda versatilidade. Foi nomeado director da secretaria da Associação Paulista de Bôas Estradas, onde vem trabalhando ha um bom e longo anno. Poderá, então, completar o formidavel trabalho tentacular de informações que tanto vitalisa aquella entidade constructora.

Ao Bopp um quebra-ossos.

Cartas de João d'Ether

por PEDROSO D HORTA

II

MEU CARO:

Dos varios amigos que me fizeram a honra de abrir coração e cerebro, tres ha, mais interessantes, que o prazer de toda indiscreção traz para esta carta.

O primeiro, 30 annos, myope, principio de calvicie, de fortuna e de ventre. Advogado e jornalista elle fala do outro sexo como quem discute um principio juridico. Finca o fura bolos no ar, cavalla melhhor os oculos, franze a testa daquelle modo que se convencionou indicar concentração de espirito e diz:

"Todo o mysterio da mulher está no homem.

"A mulher é physicamente imperfeita; a mulher é inferior — a razão nol-o prova, a sciencia nol-o mostra, a historia nol-o affirma". todas aquellas cousas azedas que 30 seculos de despeito ingenuamente accumularam.

O outro, 24 annos, symbolo doloroso da eterna inquietude humana, taciturno, lyricamente scpetico. Noivo, elle já bebeu o chá com biscoitos de todas as futuras tias, já soffreu o zangarreio ocular de todos os futuros primos, já ouviu as pilherias gordurosas de todos os amigos...

No intimo elle responsabilisa a noiva dessas pequenas decepções e... quer-lhe mal por isso!

Os seus olhares de amôr são interrogações desconfiadas. Elle sabe o que lhe reserva o futuro e não lhe pode fugir. Não saberia si o quizesse. Elle tem tiradas de um cynismo adoravel e arrulhares plangentes de pobre pomba indefesa.

Ella, naturalmente, não o comprehende; está noiva e quer casar-se; elle, entretanto, sente a tragedia do momento.

O outro, o terceiro, não tem idade... foi o meu maior amigo.

Seu coração, um velho automovel de praça, as mulheres o tomavam por hora, por corrida, por taximetro.

Elle amava com sinceridade, ingenuo e simples, mas, amava, apenas, o amôr. De onde uma volubilidade estafante, que o irritava, que o fazia soffrer. Elle passou a vida amando; foi um infeliz.

Nunca ninguem o comprehendeu. Mesmo porque o homem não é animal que se comprehenda. Cada um de nós é um grotesco mundo á parte, incomprehendido e incomprehensivel. Não ha sonho melhor, e mais louco, que o da integração de um ser em outro ser.

O artificialismo de todas as complicações sociaes; quer amorosas, quer politicas, quer artisticas, trouxe-me o amôr dos sêres simples, do menos racional. Dos sêres que vivem; que affirmam, sem preoccupação de justiça, sem hypocrisias elegantes, sem fatuidade.

Dos sêres que fatalmente nós chamamos de imbecis porque nos orgulhamos da razão, da cultura, da fineza de sensibilidade. O homem tem a obrigação primeira de ser feliz e nada nos infelicita tanto quanto aquillo de que nos vangloriamos.

A razão, eis a grande inimiga, eis a dôce e perigosa inimiga! O mineral não sente, o animal não pensa e elles não soffrem. Pelo menos não têm a intelligencia da dôr.

Eu planto couves e não tenho ciumes de mulher alguma; digo monstruosidades philosophicas á preta que cosinha meus alimentos e ella concorda desde que eu lhe pague os 80$000 mensaes. Calchas, um cão sem raça, feio e sujo, que tem a habilidade unica de adivinhar o que me desagrada, é anarchista e despreza a razão das cousas.

Elle é simples, faz o que os instinctos lhe pedem; não tem remorsos e pudores estupidos. Elle dá displicentemente seu corpo ás pulgas, partilha meu leito, recebe murros sem ganidos hypocritas. Elle ama Briosa, não faz toiltetes, nem declarações, nem confidencias...

Ah, meu amigo, como é bom viver assim, no campo, sem preoccupações, sentindo que o corpo gasto se refaz ao contacto da terra gorda, que o espirito irremediavelmente estragado por 50 annos de vida futil adquire a ultima felicidade que ainda lhe é possivel: uma ironia piedosa para tudo, para todos, e, principalmente, para si mesmo.

João d'Ether

O CARRO DE ARLEQUIM

Avenida Paulista... Avenida Brigadeiro Luiz Antonio...

Mais tarde, durante os tres dias de loucura, o corso do Braz, muito longe, na Patria da Poeira...

O carro de "Arlequim" vae rodando. Vae rodando... Vae rodando... Começava a rodar ás 5 da tarde e descansava apenas ás tres horas da manhã. Foram tres dias de loucura e uma noite de allucina-

ção. Porque a noite de sabbado reuniu todos os caracteristicos de uma noite de allucinação para a gente de "Arlequim".

Avenida Paulista... O corso... Horacio de Andrade, o Kruger de "Arlequim", agita a sua cabelleira quasi loura e brada para o carro verde escuro em que umas bellas chinezas, muito brasileiramente fantasiadas de asiaticas, exhibiam negros rabichos e vestimentas côr de ceu e de mar. Elle bradava desconnexamente umas palavras absurdas: "E' provisoria agora esta minha affeição. Desculpe, senhorita, mas "Ella" está num automovel negro ou violeta, côr de saudade ou de ebano." E uma das senhoritas, num desdem delicioso: "Eu o amo ainda assim, ó loiro endiabrado!"

Adeuses... Os automoveis rodam... Sorrisos...

Avolio, impeccavel na sua elegancia de mundano incorrigivel, respondia áquella joven de cartola, de cachimbo ao labio, mangas curtas e sorriso zombeteiro: "Póde affirmar que é muito grande este meu fragil coração. Diz a verdade, senhorita, é muito grande este leão sem forças. Mas ainda ha para você um logarzinho vago. Póde entrar, senhorita, no meu grande coração!..."

Sorrisos... Os automoveis rodam... Adeuses...

"Ha delirio nos olhos de você" — foi a phrase com que Mauricio Goulart, bebedo de enthusiasmo, correspondeu á galantaria perturbavel de uma linda e intelligente "demoiselle" que, na avenida Paulista, lhe pedia a olhasse mais intensamente dentro nos seus olhos pretos e brilhantes.

"Sinto-me attrahida pelo fogo e pelas chammas dos olhos de você" — bradára num sorriso a diabinha formosa. E Mauricio, enredando-a de serpentinas multicores: "Ha delirio nos olhos de você, minha deliciosa tentação"...

Sorrisos... Adeuses... Os automoveis rodam.

"Zoroastro e Zaratustra estão atraz desses labios traiçoeiros" — declamou, dirigindo-se ao suave e positivo Pedroso d'Horta, a dama de castanholas que só hablava portuguez mas evocava Barcelona e Alhambra e Sevilha. E o nosso Horta, paradoxal, calmo como um chinez embriagado de opio: "Humanissima e illustre encarnação da belleza universal: vinde encher com a vossa graça o espaço largo com que no coração abrigo o chromatismo de flores de liz que falam, de açucenas que cantam, de rosas e cravos vermelhos que enchem de sangue e espinho a doçura de toda a minha vida incoherente!"

E os automoveis rodam... Sorrisos... Adeuses...

— "Tenho sêde, muita sêde, ó sanguinea filha de Além-Rheno! O pucarinho da boca de você aplacaria a sêde immensa que me queima. Mas fuja, fuja de mim. Não repita mais que foi esta minha alegria o que contaminou a serenidade de você. Tristeza — eis o que mora dentro na minha alma, contentando-se em dansar dansas antigas com esta volupia sempre nova. Fuja, fuja de mim! Era Galvão Cerquinho quem acabava de falar. Ali adeante, umas lindas mãos muito roseas e muito nervosas atiravam serpentinas e agitavam um pequenino lenço côr de neve...

Adeuses... Os automoveis rodam... Sorrisos.

Reis Junior, o pintor perdulario que anda ainda a esbanjar pelo Brasil a sua arte e o seu talento, ao ouvir a voz argentina de uma esbelta e sympathica senhorita, a dizer-lhe: "Parece que você já está morrendo de cansaço", retruca-lhe numa energia inesperada: "E' que só vivo ao calor da belleza que mora no seu corpo, quando então me transfiguro e quando sinto brilharem nos meus olhos todos os lampejos do rhythmo da Terra. Olhe para mim, assim... Transfunda-se na minha alma... Aposto agora que não mais repetirá que morro de cansaço."

E a senhorita, num rubor: "Que perigo... que perigo! Eu devia saber que se não devem riscar phosphoros junto de tanta gazolina! Agua, minha gente, agua!..."

Quarta-feira de Cinzas...

Reminescencias... Saudades... Tedio...

A redacção de "Arlequim" voltou a trabalhar... Alvaro, o "chauffeur" de "Arlequim", que faz tambem os seus versos lyricos e lê ainda o Eça de Queiroz, lamenta o cansaço e a trabalheira que lhe demos. Mas... gentil como um bom carioca, esquece a canseira e esquece os trabalhos. Sentencia: "Nunca vi, mesmo no Rio, olhos tão doces quanto os da morena do "Packard". Vou compor um poema, seu Horacio, um poema quente como o verão carioca!"

POSTOK LONGO

J. G. VILLIN

Villin, o moço francez que tão bem se ha integrado em nosso meio, não quiz passar o Carnaval em São Paulo. Foi para o interior, attendendo ao chamado instante de uns bellos olhos.

Sentimos — e muito — a falta do seu lapis magico. "Arlequim", porém, não podia deixar de sahir. E Villin no interior, em ferias que nos pareciam interminaveis...

Foi então que Reis Junior, o artista em quem se alliam um pintor e um escriptor, quiz dar-nos alguns dos seus esplendidos trabalhos. E Arlequim" vae sahir, com illustrações do redactor-artista. E agradará, de certo.

Ganhamos, assim. Villin volta, daqui ha pouco. E terá, como sempre, todo o relevo que nestas paginas merecem seus magnificos trabalhos, verdadeira "fons vitae", para "Arlequim". E Reis Junior collaborará tambem, como, na parte litteraria, tantos brilhantes espiritos se encontram e acamaradam, para maior brilho e exito desta revista que vive, vibrante, trepidante, como a nossa vida que espelha...

A Cura positiva da pyorrhéa e tartaro dentario

Encontra-se o Esmaltodont em dois typos: HORTELÃ e BAUNILHA, *sendo este o indicado no tratamento das affecções buccaes.*

Amostra gratis, queira remetter este coupon juntamente com um sello de Rs. $300, *aos concessionarios.*

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

ARLEQUIM
PUBLICAÇÃO SEMANAL EM S. PAULO

DIRECTORES
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ANNO I — 1 DE MARÇO DE 1928 — N. 12

Desencanto

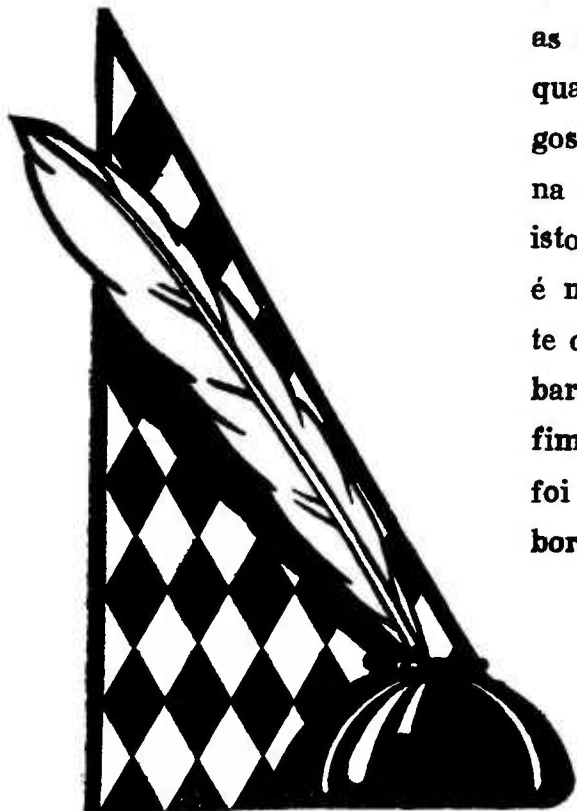
— Não vá embora!

— Tolinha...

— Cantarei alto, para você ouvir, uma porção de poemas de Khayyam e de Tagore. Largarei por todo o nosso quarto essencias perfumadas e pedirei a Deus que me ensine os peccados mais bonitos para encantar você.

— Tolinha. Uma mulher e um homem não devem ficar juntos mais do que um dia. Ao fim de vinte e quatro horas elles já se conhecem tão bem, que um não pode mostrar ao outro nada de inedito. Culpa da vida que nos fez a todos tão pouco interessantes. Escute: hontem, quando nos encontrámos, eu não sabia ainda que meios iria você mover para me conquistar. Não conhecia o scenario em que, mais uma vez, eu representaria o meu papel de artista insatisfeito. Não imaginava o timbre que tomaria a voz de você quando chamasse o meu nome, e nem os meus olhos tinham ainda adivinhado a belleza que delles se escondia. E, por isso, tudo em você me encantava. Até as suas imperfeições e defeitos. Tudo. O philosopho de Roecken errou quando concluiu que o homem ama a mulher por ser ella o mais perigoso de todos os jogos. Mentira. O perigo das mulheres reside apenas na imaginação apoucada dos fracos. Ellas são incertas como o jogo, isto sim. Mas, a duvida do jogo persiste apenas emquanto o baralho é novo. Usado algumas vezes, torna-se elle sediço aos dedos percuciente dos jogadores, que lhe descobrem as minimas marcações. Egual ao baralho, tambem você, tolinha, como todas as demais mulheres. Ao fim de vinte e quatro horas, um joguete nas mãos do homem sabio: foi o Encanto que se dissolveu e sumiu. Deixe-me. Vou embora. De mim, ficará para você...

— O ridiculo consolo da saudade.

— Não, tolinha: a volupia da nostalgia de mim.

MAURICIO GOULART

MASCARA DE COLOMBINA

Minha cara amiga.

Ao chegar hoje de A... tive o meu pobre coração de pae extremoso fundamente, rudemente ferido pela dolorosa noticia da morte da minha idolatrada filha. Morreu a pobresinha justamente no dia de S. João, — nesse mesmo dia em que eu, numa ruidosa sarabanda, festejava na roça o meu piedoso santo! Triste coincidencia! No mesmo dia e talvez á mesma hora em que os meus balões, enfunados de incenso ao meu santo padroeiro, subiam ao céu em garbosa ascenção — a minha pobre filha, no silencio conventual do teu quarto, desastradamente se precipitava ao sólo do alto de uma estante! E morreu — coitada! — sem os meus carinhos de pae e sem os meus cuidados de medico! Eu bem sei, minha meiga companheira de infortunio, que o desenlace fatal era inevitavel: uma fractura de base tem a lugubre significação de uma sentença de morte; mas, o que mais me entristece, o que mais exacerba a minha grande dôr é o profundo pesar de não estar a seu lado, nos seus ultimos momentos, para dar-lhe a extrema-uncção do meu ultimo beijo de pae!

*
* *

Deixo consignado nestas linhas o meu mais vehemente protesto contra essa vergonhosa, inepta e burlesca policia da capital da Republica, por não ter tomado conhecimento do facto. E' de se lamentar que uma occurrencia de tal importancia passasse despercebida a essa caricata "confraria" que pomposa e bombasticamente traz no frontespicio o ridiculo titulo de "Mantenedores da Ordem Social". A policia tinha obrigação de instaurar o competente inquerito, para que assim a luz da verdade, diaphana e crystalina, viesse desfazer as densas nuvens de duvidas que pairam, misteriosas, sobre o complicado caso.

Inculcas o vento como o responsavel pela tremenda catastrophe — com a cumplicidade de Pierrot e Colombina. Para mim, a tua accusação é injusta: ella não resiste, com effeito, á mais perfunctoria analyse. O furioso elemento, em cujas costas vaporosas pretendes pregar o labéo de ignobil assassino — agiu, evidentemente, como um instrumento inconsciente da fatalidade. Por outro lado, Pierrot e Colombina — esses egoistas que vivem dentro de um sonho, num pequenino mundo completamente insulado do nosso prosaico planeta — são, manifestamente, dois individuos irresponsaveis: o mais inexperiente psychiatra não hesitaria em dar-lhes o attestado de completa privação dos sentidos... Para mim, a unica culpada és tu! Tens, na tragedia, a responsabilidade moral! Porque tiveste a criminosa imprevidencia de deixar a minha casta e ingenua filha sobre as cabeças desvairadas de Pierrot e Colombina!

*
* *

Pobre filha! Quando a vida te sorria em sonhos roseos e em risonhas esperanças; quando os teus verdes annos se desabrochavam na radiosa promessa de um lindo futuro — a Parca inexoravel veiu colher-te, impiedosa, numa cilada tragica e brutal!

Pobre filha! Dormes, na Sapucaia, o somno placido das que viveram sós! Sobre o teu corpo alabastrino de virgem, rastejam, a estas horas, os mais asquerosos vermes! Triste sina!

Rendo-te neste momento o preito de eternas saudades do meu coração desolado.

Que a terra te seja leve!

Beijo-te as mãos, minha desditosa amiga.

Do

MATHIAS

Sra. Lili Barcellos

Alvaro Moreyra. Escreveu "Um sorriso para tudo..." e creou o "Theatro de Brinquedo". Duas coisas que fazem bem a gente. Por ellas Alvaro Moreyra merece a gratidão de todos os que amam a belleza e o sonho.

"Muerte Blanca"

(cocaina)

E' objectivação cerebralmente estilizada de um emotivo, senhor de uma linguagem plastica repleta de requintes — Arnaldo Barbosa.

No baile da Sociedade Harmonia

No theatro Santa Helena, que Luis de Barros transformou num inferno. Começa a chegar gente da nossa mais alta sociedade desde ás 11 horas. A meia noite, já não se póde mais nem quasi andar.

Um sorriso que fala...

Animação: serpentinas, confetti, lança perfumes. Os bailes da Sociedade Harmonia tem, com certeza, a eterna magia de encantar a todos. E o do dia 18, no theatro Santa Helena, continuou a serie daquellas victorias.

Seis olhos que nos fazem pensar que, embora se escondesse o sol, ficava a terra, ainda, toda cheia de luz.

Um e

uma que

são duas.

E vejam

com que

elegancia "elle" sabe collocar a mão na espada, que ameaça quem se approxime d'ella.
E ella o merece:
é graciosa,
é pequenina,
é linda.

Bom divertimento, senhorita!

Tão Bonita!
Mas, que pena que o estouro do magnesio a tivesse feito fechar os olhos.

NO CLUB DAS PERDIZES

Apenas uma não foi sovina em espargir sorrisos luminosos!...

NO CLUB DA LIBERDADE

Apachinettes, Haitianas, Polichinelos... docemente nostalgicos.

NO CURSO POÇAS LEITÃO

Sedas gostosamente mascaradas, por entre que serpentina a Alegria...

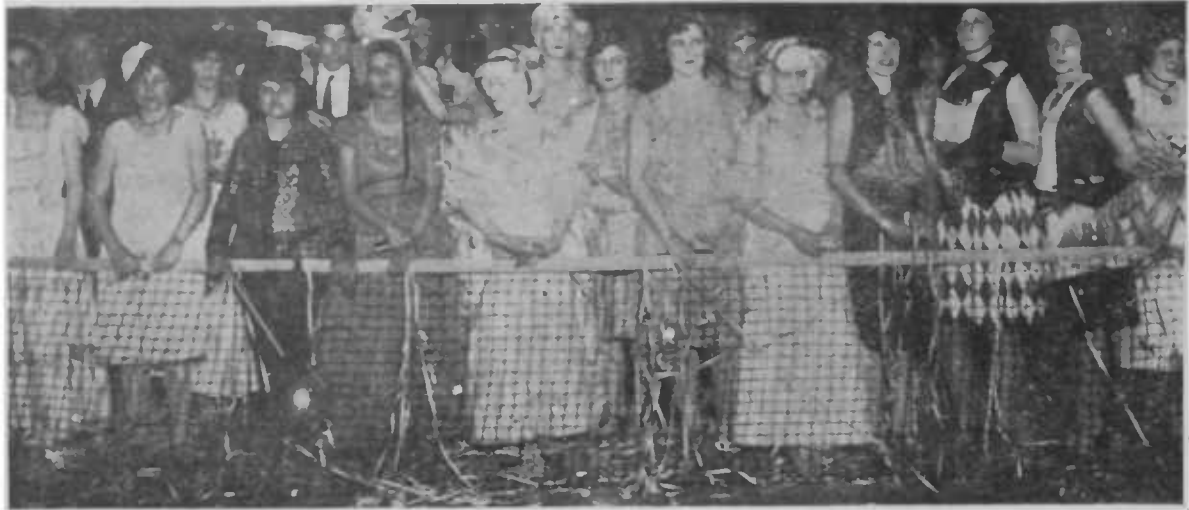
Nosso Club

Dianas francezas ! As raposas modernas

são mais espertas ainda!

No Curso Poças Leitão

Señorita! Não coma o "baton" !

São Paulo Tennis. Segunda-feira. Uma porção de gente rindo e brincando e cantando.

A noite estava tão linda!... E as moças tambem, Santo Deus!..

Na luminosidade dos olhares e dos risos, na extravagante confusão das fantasias, anachronicas, disparatadas e bizarras

dansava Mômo a sua dansa guisalhante, numa doida expansão.

de Alegria, de Alegria que ficou o anno inteiro guardada dentro da convenção.

Uma quadra de damas: a combinação mais bonita que se pode fazer no jogo da vida

Um lindo grupo de moças fantasiadas, no São Paulo Tennis. Se "Arlequim" fosse mal educado pediria o cachimbinho da de cá.

Estas garotas querem que a gente se lembre da morte. Mas ao lado dellas o que a gente deseja é viver eternamente..

A... li...,
Avenida,
de rosa,
no mundo
a toda
que a

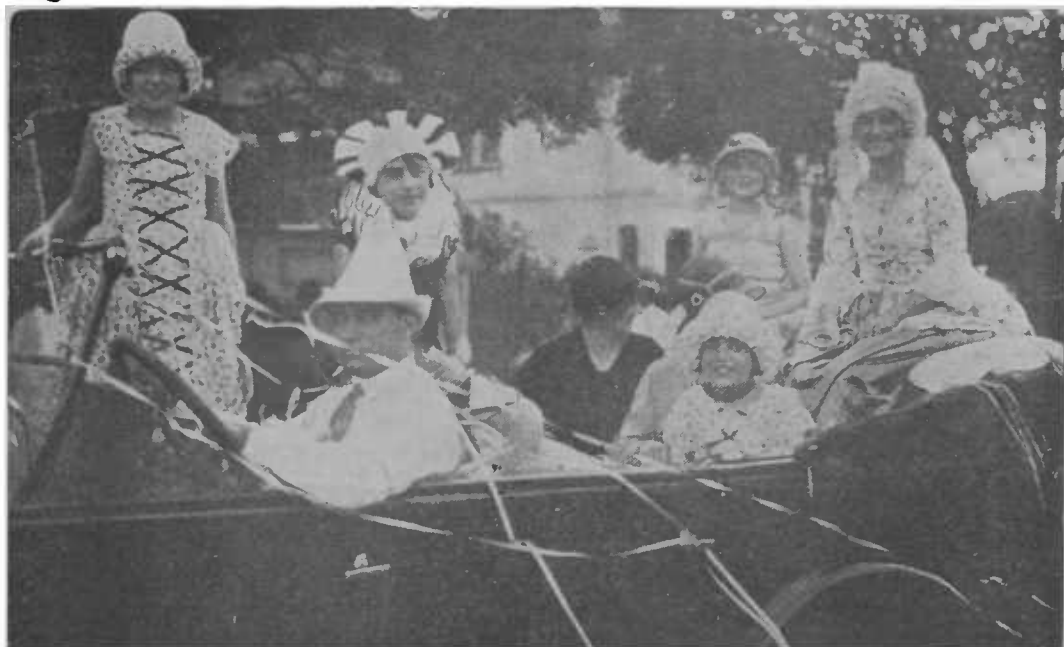
O CORSO D.

Eu fui no corso,
criôla,
vi munta gente,
criôla,
mais foi umas cartolinha
que me puzeram duente,
— criôla!

Ha lugar para mais um

Se o coração
a garotinha,
de certo,
mais

— Cigana, tire a sorte de Arlequim.
— Vae viver muito, ter dinheiro, saude...
— Nada disto tem importancia. Vou divertir-me no Carnaval que vem?!

lá, na
fantasiada
deixou
da lua
gente
olhou

Por que é que no Carnaval toda a gente sorri o seu sorriso mais bonito?

A AVENIDA

"Arlequim" se candidata!

A de cá, já estava pensando em quarta-feira de cinzas.. Por isso, ficou séria.

da gente fosse
não saberia,
p'ra que lado
pender...

Arca de Noé

Seria tão bonito se toda gente cantasse no corso! Vamos, senhoritas: "Eu fui num samba, lá no morro da manguera.. "

Pintoras, que pintaram... o sete

Por que estão tristes, meninas? Isto assim não é sério...

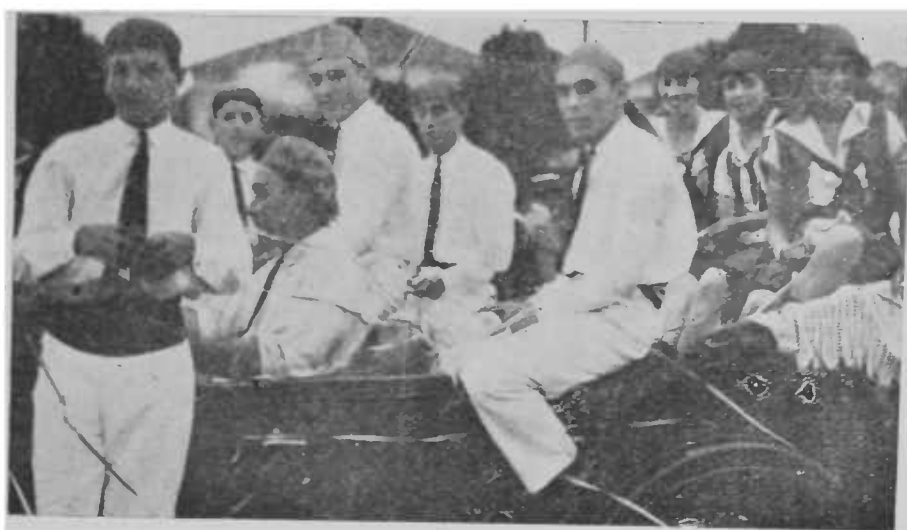
Digam, se forem capazes, que o destino ás vezes não é bom para os homens...

Um sorriso de labios abertos... um sorriso de labios fechados.. um rosto serio que não sorri...

Não olhe assim para a gente que a gente fica sonhando que é para a gente que você sorri..

"Fais isso commigo, não..."

Quina de az...
sem coringa.

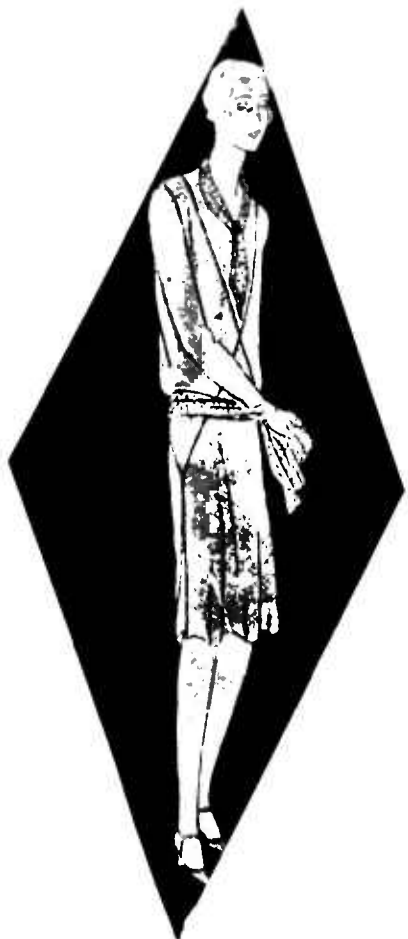
Os chapeos e os olhos são negros como o peccado. As almas, talvez, brancas, leves e inconsistentes como a virtude.

Seis homens e
tres moças..
não faço outro
commentario!

Cabellos brancos!..
Que velhice moça e linda.

Ainda no baile da sra. Poças Leitão.
Um lindo grupo, cujo sorriso demonstra bem como se divertiu S. Paulo nos festejos de Momo.

As boquinhas estão deixando adivinhar que eram lindos os rostos que estiveram no baile do Excelsior Club.

No baile promovido pelo C. D. R. Royal, no cine Republica. Foi esta a fantasia que mereceu o premio de belleza. E foi justo.

ELEGANCIAS FEMININAS

Eu não creio que ellas não saibam andar nas ruas. Acho que ellas preferem simplesmente uma exhibição de automovel.

Meu amigo mau sorri:

— Que ellas prefiram o automovel eu não duvido. Essa preferencia é natural da parte dos **nouveaux-riches** que se avolumam na cidade e invadem os dominios sociaes outrora reservados ás velhas familias fidalgas. Si suas elegantes pudessem, minha amiga, iriam aos salões de bailes dentro dos seus automoveis...

Eu penso que não é assim, que não é tanto assim. Elle não vae aos sabbados ao Triangulo. Não gosta dos sabbados, das elegantes e do Triangulo. Si for, ha de gostar. Si não encontrar elegancia, refinamento, encontrará, tenho certeza, creaturas bellas.

E depois, bem se vê que o meu amigo mau não foi feliz neste Carnaval. O seu mau humor é visivel. Que lhe terá acontecido? Então será possivel que elle desconheça a elegancia **raffinée** de um chá na Casa Allemã ou Mappin?

Nós não temos, propriamente, um **footing** elegante, como no Rio. O Triangulo, aos sabbados, quando não chove, demonstra que tem muito boa vontade de imitar a terra de Estacio de Sá e outras cidades do mundo civilisado. Boa vontade só. Noventa por cento das elegantes paulistas não gostam de andar a pé.

Meu amigo mau, que não ama as nossas elegantes, diz: — Ellas gostam de andar a pé, minha amiga, porém ellas sabem que não sabem, na rua, por um pé adeante do outro. E são lamentaveis quando se arriscam. Dão-me a impressão de collegiaes que não sabem, na presença de estranhos, o que fazer das pernas, braços e cabeças. E. depois, minha amiga, suas elegantes são deploraveis em materia de pintura. Abusam do escarlate como os guerreiros africanos e são quasi tão pavorosas como elles. Alem disso, não sabem ainda que a pintura foi abolida em todas as sociedades aristocraticas do mundo depois do aperfeiçoamento das massagens.

Para estas reuniões com grande successo vemos reapparecer o crepe setim, este tecido souple de duas faces tão differentes, e egualmente lindas que tanto se presta para harmoniosas combinações. Assim, é indispensavel no guarda-roupa de uma elegante uma toilette de crepe setim para ser usada nas tardes elegantes do nosso triangulo.

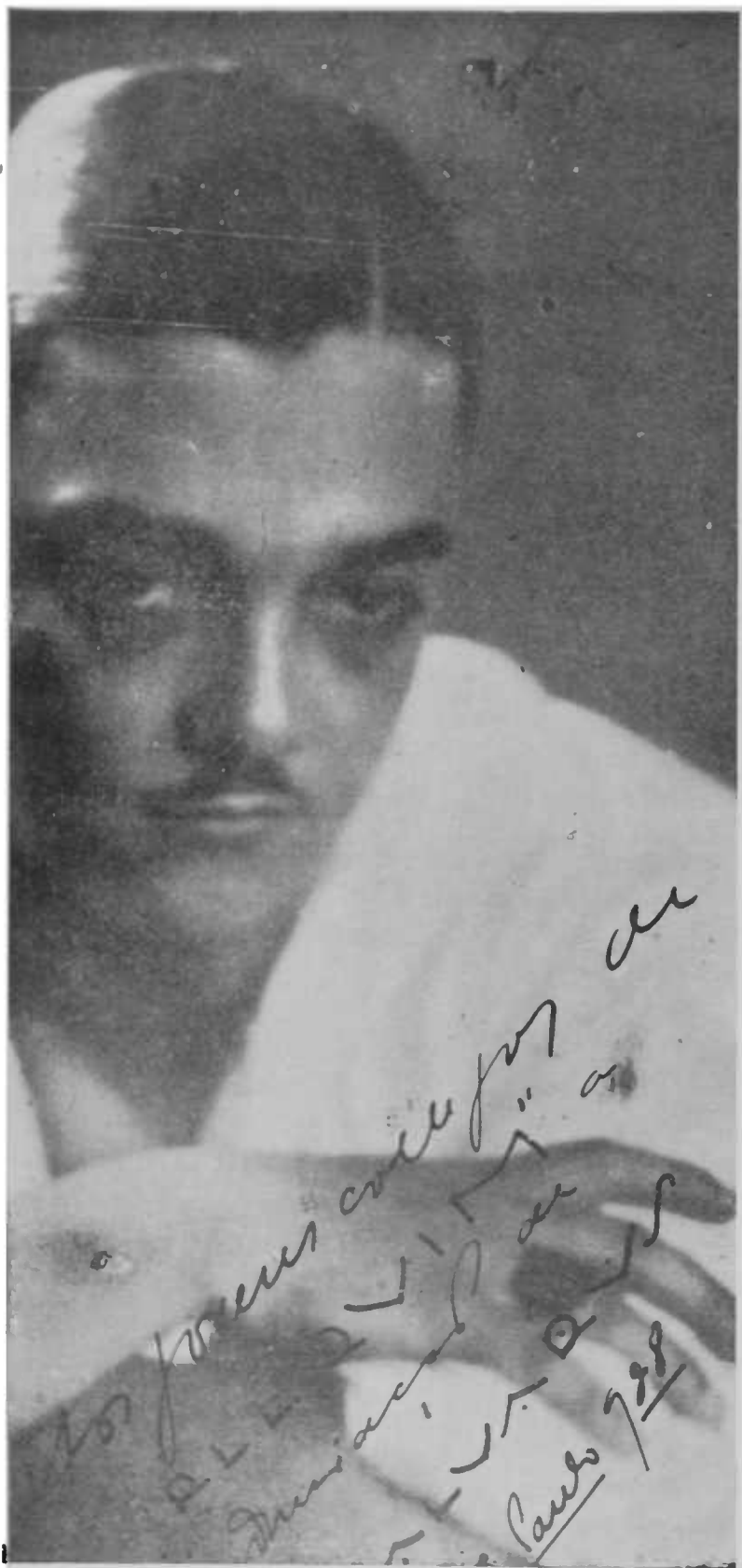
A' hora do chá, domina o setim preto, que é a toilette preferida por toda mulher. Nada de enfeites, galões bordados, ornamentos superfluos. Unicamente uma joia de ouro ou de preferencia de crystal, collocada com chic.

Completando o conjuncto, usa-se o pequeno toque que, como a toilette, terá como unico enfeite uma joia. Usa-se tambem dois dedos de tulle velando os olhos, detalhe este que maior encanto trará aos lindos olhos das brasileiras, olhos tão admirados pelos europeus.

Outro tecido que poderá facilmente ser empregado para os vestidos praticos será o crepe de lã. Escolhi, entre outros, estes dois modelos que hoje vos apresento (1 e 2) e que creio satisfarão vosso gosto. O plissé mechanico pode ser usado para a saia que será simples, ou com dois babados trabalhados com "nervure" A saia é unida á blusa com irregularidade, formando festões ou pontas. Os plissés são ajustados com pespontos nas cadeiras. As blusas serão trabalhadas com nervures, ou recortes, que procurarão alongar a cintura. Mangas compridas terminadas por punhos ou a simples manga tailleur.

Para este genero de vestidos o chiffon trabalhado em preguinhas lingerie nos fornece lindas collerettes e o crepe da China, escossez ou fantasia cortado em viez, forma gravatas e cintos. Varias gravatas e cintos mudarão inteiramente o aspecto de uma mesma toilette.

MARILÚ

Quaesquer consultas sobre elegancia devem ser dirigidas a Marilú, caixa postal 3323.

Alvarus.

Veio a S. Paulo com o Theatro de Brinquedo: E' da familia espiritual de Alvaro Moreyra. Mas, o Theatro de Brinquedo foi embora, e Alvarus ficou. Diz que achou São Paulo engraçadissimo, e assim define elle o Paulista: é uma gente que não para diante de mostruarios. Nunca foi a Europa mas teve em S. Paulo a impressão que estava lá.

Alvarus é, agora, nosso collaborador. Do Rio, nos enviará caricaturas das personalidades de maior destaque nos meios sociaes e artisticos cariocas. E inicia hoje, com a de Alvaro Moreyra, que elle diz ser o seu protector e animador.

Um Novo OAKLAND
o Cosmopolitan SIX

Ao examinar uma tela, um marmore, uma obra de arte qualquer, não é com um simples olhar de relance que se poderá aquilatar dos seus meritos e do seu valor. Necessario se torna examinal-a, observal-a, analysal-a mesmo nos seus menores detalhes, para que a opinião critica que della se venha a formar seja justa, imparcial, exacta.

Assim deveis proceder quando examinardes o Novo Oakland — o Cosmopolitan Six. Que a mesma detida attenção e o mesmo espirito de critica pautem a vossa observação, pois o Novo Oakland — o Cosmopolitan Six — producto da General Motors — construido pelos mais habeis technicos da industria automobilistica — é uma verdadeira obra de arte e, como tal, merecedor da vossa mais accurada attenção.

Visitae, pois, uma de nossas agencias, e, para o vosso proprio deleite, contemplae o Novo Oakland — o Cosmopolitan Six.

GENERAL MOTORS OF BRAZIL, S.A.

CHEVROLET • PONTIAC OLDSMOBILE OAKLAND • BUICK • CADILLAC CAMINHÕES GMC.

AGENTES AUTORISADOS EM TODAS AS PRINCIPAES CIDADES DO PAIZ

Brincando

No vasio do ar os fios da loucura
Mais vasia que o ar, cruzam de lado a lado!
Ninguem pensa siquer na existencia futura
Uma vez esquecendo a existencia e o passado...

O scenario é diverso em cada ponto: vejo
O que tem o que quer e vive na abastança!
E o que nada possue, vivendo do desejo
Porque a Vida afinal não passa de esperança!

E alli num canto tristonho,
Um tristonho Pierrot
Vive tambem do seu sonho,
Do qual jamais acordou...

— "Vae-te embora Colombina
Para bem longe de mim
Que teu olhar me faz mal!
E's a mulher serpentina,
Tens amores de festim
E cheiro de Carnaval!

Mentiste! Quantas mentiras
De amor fizeste! Ai de mim!
Eu choro quando suspiras
Pelo profano Arlequim!

Não faz mal se fico triste,
Sósinho com meu amor.
Um Pierrot não existe
Que não seja soffredor!

Ri que o prazer desta vida
Muito cedo se evapóra!
Ai! Colombina querida!
Foge de mim... Vae-te embóra!

Vae-te embora! Tudo passa...
O meu sonho se desfez
E's tentação de fumaça,
Fumaça de embriaguez!

*
* *

Noutro canto uma sereia
Deixa louco um violão.
O seu cantar desnorteia
E tem som de trahição:

— "Eu digo sem embaraço,
Porque nada me embaraça,
Que sou de facto um "pedaço"
Que os corações despedaça! —'

Num sorriso ella me disse
O que tambem lhe diria:
— "Si acaso o amor existisse
Com certeza te amaria! —"

Oh! minha linda princeza!
Talvez você, com certeza,
Só por dizer, diz assim.
Emquanto vivo tão triste
Sabendo que o amor existe
Sempre fugindo de mim!.

Agora vae indo alli
A dona das horas minhas:
Ella tem, quando sorri,
No rosto duas covinhas.

Quando sorris, querida, tenho o gosto
De ver, no teu sorriso,
Tudo o que idealizo
Contido nas covinhas do teu rosto.

E passa correndo o corso
No vendaval da alegria!
— E' a vida que faz esforço
P'ra não chorar nesse dia...

E o seu pensar, sempre moço,
Acha que é bello o viver!
Sem saber que a vida é um osso
Muito duro de roer..

Neste mundo nada existe
Que seja bello, porque
Toda a belleza consiste
No encanto que tem você!

DR. FELIX

CASA VELHA

Eu tinha só dez annos,
quando vovô abandonou a casa velha.
Elle deixou talvez com um certo orgulho
e um tanto de saudade
a casa velha.

A casa nova era menor, era mais clara, era mais branca,
era elegante, era moderna...
Havia nella uns moveis fofos exquisitos,
uns moveis muito estranhos,
quasi negros...
e em que a gente afundava sem querer...
traiçoeiramente...

Quando vovô contou ao juiz de direito
que era somente meu todo um vasto aposento
unicamente meu,
para que eu conseguisse estudar descansado,
senti um verdadeiro jubilo interior.

(Se fosse hoje tudo aquillo,
eu, ensinado pela vida,
teria muita, muita pena,
da credula bondade de vovô).

Mas succedeu (você me vae de certo perdoar
os meus peccados, meu vovô!)
succedeu que eu ficava horas e horas sem termo
a vêr subirem e descerem
os globos multicores dos repuxos do quintal,
mais a cascata,
transbordante de aguas claras,
e tudo quanto a casa nova côr de pedra
me dizia de novo
e de artificial...

Os livros... (Eu pensava
que os livros deveriam lá ficar,
ali a um canto, descansando...
Descansando: elles sim me deveriam
estudar,
visto que eram mais sabios do que eu)...

E emquanto os livros descansavam,
eu mansamente me afundava
em todo aquelle mundo novo
de coisas fofas e polidas,
a sonhar...

Através da janella
do quarto que vovô me deu para estudar,
eu namorava os passaros felizes
que nas arvores verdes descantavam
sempre as mesmas cantigas de paixão.

As fontes,
as lindas fontes rumorosas,
nunca deixavam, dia e noite,
de trabalhar...
(Você vae perdoar, lá do céu, meu vovô,
as peraltices arrogantes
do neto que era louro e a quem você quiz tanto bem!)

Embevecida de saudades,
não esquecia minha doce avó,
um dia ao menos, um, sequer,
de visitar a casa velha.

Caminhava a seu lado
o neto de cabellos côr de sol,
de quem ella esperava, ingenuamente,
um grande nome universal...
numa illusão commum a todas as dindinhas
que amaram ler poesias e romances
e a velhice encontrou sonhando ainda...

Casa velha...

Casa velha!

No silente terraço branco e immenso,
ao lado da cisterna silenciosa
que o tempo ennegreceu,
a cesta de costura
e uma porção de coisas que nem sei.

Eu achava tão bellos,
tão bonitos os oculos de ouro
de dindinha!

Dindinha costurava... costurava e costurava....
Eu lia historias empolgantes,
historias de emoção da patria de outras gentes,
os feitos de outros povos,
para dindinha, ouvindo-os, costurar melhor...

Minha voz, clara e forte, forte e moça,
era o som que vibrava repetido
no deserto da casa abandonada...

E a casa velha e boa,
e a casa velha e ingenua
que em dia aziago todos esquecemos,
todos os nossos, menos eu,
a casa velha e boa
que não guardou dos labios de dindinha
senão palavras de bondade,
tambem ella morreu,
tambem desmoronou,
tambem ella se foi
quando se foram meus avós
e quando, como um vil, estrangulei cantando
ambições innocentes,
quando parti para a Vida,
quando vim para esquecer...

Minha infancia longinqua... Casa velha!
Casa velha distante...

lá longe...
lá longe... mas tão perto...

A viver e a chorar nesta immensa Saudade!

G A L V Ã O   C E R Q U I N H O

Historia do homem sem nome

Silencio. Passos apressados em ponta de pé. Entradas e sahidas. Medico. Pae afflicto. Cheiro morno de alfazema. Chôro de criança. Alegria! Um homem! Bola de carne roxa, com dois olhos, um nariz, uma bocca.

1.°

A cara do pae. Ou da mãe. Ou da avó. Ou do avô. Ou de ninguem. Cara delle mesmo.

2.°

Mãe preta. Chôro. Noites em claro. Chôro. Que inferno! Que criança bonitinha! Chôro e mais chôro. Chupeta. Manhas. Palmadas.

O primeiro dente! Alegria da familia. Primeiros passos. Trambolhão. Chôro. Gallo. Vintem na testa.

Baptisado. Padrinho e madrinha. Difficuldade de escolha. Quem? E o nome? Procopio, Napoleão, Xenocrates, Marinetti ou José?

Festas. Doces. Discursos. Indigestões. "Pá-pá", "ma-mã"! Que gracinha. "Malinetti"! "Gaça Alanha"! "Tó-ló-ló"! "Falinha do diabo"! "Isque"!

Novas quédas. Novas indigestões. Purgantes. Medicos. Febres. Coqueluche. Sarampo. Catapóra. Cachumba. Perebas. Um anno. Dois annos. Tres, quatro, cinco annos.

3.°

Escola. B-a, bj; b-e, bé, etc. Pedro Alvares Cabral. Mem de Sá. 2 e 2, 4. Rios da Europa, America, Asia, Africa e Oceania. Napoleão, Cesar, Victor Hugo, Guilherme II, Mussolini, Pinheiro Machado. (a-|-b) — a2 -|- 2 ab -|- b2. Cellula. Nucleo. Protoplasma. Ossos. Petala, caule, raiz. Quartzo. Diamante. Densidade. Lei de Newton. Acidos. Bases. Saes. Etc. Etc. Que coisa páu! Um, dois, varios annos.

4.°

Primeiro cigarro, ás escondidas. Nauseas. Vomitos. Surra do papai. Primeira namorada. 15 annos. Sonetos na "Vida Domestica". Casimiro de Abreu. Flôres murchas, cartinhas, protestos e juras de amor. Briga. Chôro. Tentativa de suicidio com pasta de dente. Assistencia. Lavagem de estomago. Uma bôa tunda.

Exames de preparatorios. Faculdade, vagabundagem, pistolão, approvação. Que rapaz talentoso! Novo namoro. Namoro serio. Para casamento. Festas. Fox-trot. Charleston. Que caso serio! Pedido. Voz engasgada. Pae solenne. Sim!! O primeiro beijo (?!) official. (E os do portão?). Noivado. Passeios. Sogra. Irmãozinho cacete e indiscreto.

5.°

Casamento. Passeio pela Avenida. O classico retrato no "Fon-Fon". Viagem a Nicteroi. Lua de mel.

Um, dois annos. Primeiro filho (capitulo I). Primeiros aborrecimentos. Esposa de chinellos e papelotes. Briga com o quitandeiro. Cosinheira pernostica. Jantar queimado. Que horror! Segunda-feira: a mesma vida. E terça. E quarta...

6.°

Vida cara. Desillusões. Funccionario publico. Livro do ponto. Café. Mexericos. Injustiças. Perseguições.

Bonde das 5 horas. Empadinhas do Paschoal. Ninguem em casa. Esposa no "dancing"; filhas nos chás; filhos no Lamas.

Domingo. Allivio! Chinellos. "Jornal do Commercio" Cachimbo. Paz!

Filhos farristas, filhas sapécas. Que tristeza! Achaques. Rheumatismo.

Acido urico. Urodonal. Asthma. Velhice. Aborrecimentos. Tristeza. Melancholia..

E o guapo rapaz de outróra? E o Casimiro? E os versos lyricos? Passado. Folhas mortas... Fim de vida. Agonia. Morte. Enterro. Ruido de rodas de craros. Missa de setimo dia, alguns amigos. Missa de mez, ninguem. Vermes. Ossos. Pó.

A Vida? Isso mesmo.

S T E N I L L A S M A R T

CINERAMA

Eu assisti, ha quasi dois annos, em Roma, um film de costumes florentinos ao tempo de Savonarola — "L'Inferno" — ou cousa que o valha. Havia incendios, enforcamentos, fratricidios e uma mulher pavorosa que inspirava paixões formidandas. A virago arranjara uma desgraciosa corôa de flôres murchas, o mais parachronico dos camisolões, e, com elles, passeava o seu nariz disforme pelos corredores de um castello feudal.

Sabem, os senhores, com que fim? Para soltar pombos assustados que aggredia, sem piedade, com a caricia dos seus longos beijos. Ignoro o que lhe succedeu, porque, ao fim de uma carnificina chineza, como tivesse inicio outra carnificina, mais chineza ainda, sahi..., tonto e revoltado.

O film, entretanto, fôra precedido de uma reclame notavel pela insistencia e habilidade. E a photographia era má, os scenarios grosseiros, os actores de uma artificialidade lamentavel que os tornava grotescos. Minucias de nenhum interesse e, ás vezes, para recuperar o tempo perdido, precipitações que impediam a comprehensão do film.

E nestes dois annos o cinema italiano não conseguiu libertar-se do preconceito da grandiosidade, da preoccupação da tragedia. Elle não se soube pôr de accôrdo com os mercados que procura; não póde, portanto, ser admirado, ou comprehendido. E' o caso de "Na rua da amargura" que o programma Matarazzo nos serviu, ultimamente, sem indicar a procedencia! Perpetrado por Edy d'Arcléa, "Na rua da amargura", serve como symbolo.

Em resumo é isto:

A condessa Ema está apaixonada pelo conde Marcello. O conde chama a sua Julieta de "divinal creatura" e a condessa denomina o seu Romeu de "humilde cordeirinho". "Divinal creatura" e "Humilde cordeirinho" são solteiros e só não se casam porque um mysterio faz com que "Divinal creatura" repilla as declarações de "Humilde cordeirinho". Emquanto o mysterio não se dissipa ambos enlanguecem. E enlanguecem despejando sobre a platéa olhares prenhes de paixão e desespero. Um dia "Divinal creatura" escreve a "vergonha de sua vida" para governo de "Humilde cordeirinho". Si este perdoar, casar-se-hão! O portador da "vergonha escripta da vida de Divinal creatura" é um bom rapaz que tem um amigo. O amigo tem dinheiro e convida o rapaz para beber. E os quatro desapparecem: o rapaz, o amigo, a bebida e a carta. Não se sabe como, nem porque. A "vergonha escripta de Divinal creatura" é ter-se entregue ao barão Vernieri, um d. Juan affectado, de costelletas deploraveis e gestos estapafurdios. O pae de "Divinal creatura", que é um typo exotico, mixto de homem e espiga de milho, desafia o barão para um duello. Vê-se o barão cahir segurando o coração, vê-se um medico dizer que elle está morrendo, vê-se o pae de "Divinal creatura" concertar as enormes barbas postiças, dizendo á filha que matou o autor da deshonra commum. "Humilde cordeirinho", não recebendo a carta evaporada, casa-se com "Divinal creatura". Scenas de felicidade; isto é, olhares apalermados e passeios pelos campos. E, repentinamente, o barão Vernieri ressuscita... entra em scena, dá dois passos, não diz de onde veio, o que quer, sabe e desapparece. Vendo-o "Divinal creatura" foge e vae trabalhar numa fabrica. "Humilde cordeirinho" embriaga-se sem elegancia e sem compostura. A fabrica pertence ao engenheiro Arnaldi, um senhor sem cabellos, sem pescoço, que tem a infelicidade de só possuir um collarinho engommado e uma gravata á fantasia.

Apesar de não ter pescoço, o engenheiro Arnaldi tem um coração e um estomago magnificos, chegando a apaixonar-se por Edy d'Arcléa! Esta recusa-o e conta-lhe a desdita. O engenheiro promove a pacificação e a ultima scena é um abraço de "Humilde cordeirinho" e "Divinal creatura" sob os olhos estupidos de Arnaldi, que a tudo assiste com o collarinho engommado e a gravata á fantasia.

Edy d'Arcléa — a "Divinal creatura" — é uma senhora de physionomia violentamente ultrajada pelo tempo — é velha, e feia, é desgraciosa; emquanto o mostraram as photographias assás escuras para lhe occultarem os mais defeitos. O programma não dava o nome dos outros actores, no que fazia muito bem. Um espectador de mau gosto poderia, talvez, mover-lhes acção por crime de furto e... ganhal-a.

PEDRO HORTIZ

O primeiro concurso de ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpreta por ahi a sua literaturazinha ás occultas. Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não há mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estylista maravilhoso dos **Motivos de Proteo,** *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas mereciam exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* **Ariel.** *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada. E' necessario que a mesma venha sob pseudonymo. O nome do autor virá dentro de um enveloppe fechado, tendo no sobrescripto o pseudonymo adoptado.*

Que differença de tons entre as duas ultimas cartas que me escreveste. A de hontem é a revolta no seu caracter mais agudo, em plena crise de soffrimento, no lance mais violento da angustia. A de hoje é quasi uma supplica a que eu não me deixe levar pelas tuas frases ardentes.

Infelizmente, meu amor, não foi por mim que escrevi a carta em que te rogava calma.

Foi por ti. O meu medo não é o meu padecimento, a tortura que eu soffro de ser obrigado a renunciar á maior alegria de minha vida, á aureola de meu esforço, á gloria da minha intelligencia, que é ter-te descoberto.

O meu pavor é outro. E' imaginar que tu, querida, unica cousa de verdade que existe para o meu espirito de negador systematico, unico escopo de minha vida, não tenhas o animo necessario para resistir, nem a força indispensavel para levar este calvario até o ponto em que possa — ah! si for possivel! — transformar-se naquillo que nós desejamos.

Não tenho medo de soffrer, desde que é por ti. Não tenho medo de passar cinco, dez annos a amargar pela ansia de vir a ser teu integralmente, sem remorsos e sem luta interior, sem que a analyse me grite aos ouvidos umas cousas desagradaveis que eu ouço e que não quereria ouvir.

Não me assusta a perspectiva. Muito padeci eu nestes vinte annos de renuncia systematica, meu amor, para tremer diante deste inevitavel. Soffrer assim é, num certo sentido, um consolo diante da magua de não crêr... Sim, porque antes eu não acreditava na existencia de um ente como tu, com essa perfeição como a sonhara e a dôr era a tortura lancinante do irrealizado porque irreal.

Hoje, o irrealizado vive, move-se, agita-se, clama por mim.

Ah! que ha dentro deste martyrio algo de tão extranhamente alto, de tão singularmente puro, de tão especificamente bello que soffrer já é, afinal, o gozo de um sonho que não se realizou. mas que pode realizar-se.

Meu amor,

A calma que eu te peço não é para mim. Provame que és capaz de resistir e que, amando-me, sentes maior a renuncia e comprehendes melhor os motivos supremos que a dictaram. E eu acharei doces as horas de soffrimento, por mais atroz que elle seja, por mais cruel que se apresente, por mais iniquo que pareça.

Só a tua força me interessa. Eu não entro em linha de conta, não quero entrar em linha de conta. A mulher és tu. E's tu que tens direito ao que a vida te negou e tendo-o tão indisputavel, podes querer gozal-o, como mereces.

Entendeste-me? E si me entendeste, ama-me mais, si fores capaz, porque eu, meu amor, sinto-te tão integrada ao meu ser como si fosses carne de minha carne, luz do meu espirito, fibra de meus nervos.

Do teu

SATAN

EPISTOLA AOS CORYNTHIANS

VI

Teremos um grande desgosto, meus irmãos, se vocês forem ao diccionario para saber quem foi Diogenes e, muito maior ainda, se soubermos que vocês não foram... Nesse caso Diogenes continuará ignorado e vocês na mesma ignorancia que precisa ser chutada de uma vez, para que se não diga della o que se tem dito e para tapar a bocca dos poetas que rimam de vocês coisas como esta:

"A mocidade moderna,
No seu escopo modesto,
Cultiva o musculo da perna
Com detrimento do resto...

Mas vão ajuisadamente ao diccionario, vão que para uma destas e outras é que elles foram feitos. Vocês devem mesmo preferir o diccionario ao Carnaval, embora sejam ambos egualmente prestantes á ignorancia e á pronuncia figurada...

No diccionario vocês encontram "bobo" e "pirata" com todas as suas definições e synonimos, e no Carnaval com todos os seus feitos e vestumentas.. O que raramente se encontra em ambos, é orthographia, coisa, aliás desnecessaria ás Musas e aos Momos... Se o diccionario ensina a historia do philosopho antigo, o carnaval quasi reproduz a do homem contemporaneo, numa parabola como esta:

"O tripeiro que passa, no corso da vida, poz tres flores de papel vermelho na cabeçada da bestinha e, de chapéu de panno branco, com as tripas desfraldadas, lá se vai aos solavancos da carrocinha, trotando sem destino, porque, em consciencia, ninguem sabe onde vai ter um tripeiro.. Depois volta, mas vem de automovel, maduro, em mangas de camisa. Conserva ainda a marca de origem — o mesmo chapéu branco e molle. Sentou na tolda do automovel tres filhas vestidas de homem; a mulher, com uma mulatinha, ao centro e accommodou-se ao guidon, consentindo, ao lado, um mancebo espinhento, candidato ao automovel, com escala por qualquer uma das tres da capota..."

Segundo o Carnaval, é isto a vida — no principio, um homem de carrocinha e burro, offerecendo tripas á mostra e, por fim, o mesmo homem, de escapamento aberto e automovel, offerecendo tripas em "travesti"... Vejam depois, no diccionario, o que se diz do grande philosopho.

Diogenes foi um homem que veio ao mundo para assumir a tremenda responsabilidade da irresponsabilidade cynica e da graça alheia. Viveu para andar roto, sujo, passar moeda falsa e fome; morar numa cuba; tomar vaia na rua e, por fim, responder por todas as mentiras que lhe são attribuidas, inclusivé a historia do gallo pelado, da lanterna, do sol de Alexandre e outras como esta.

Ha cerca de quarenta annos appareceu no mundo um grande livro de historia: "O philosopho Diogenes e os maus meninos corinthios". O successo foi notavel, principalmente, entre os petizes, porque o autor do livro não o destinou aos adultos. Nelle se relatam todas as pirraças feitas ao philosopho; todos os empurrões inesperados, em sua cuba; todas as pedradas e todas as vaias de que foi victima. Por causa disso Diogenes detestava os maus meninos corinthios e, de certo, foi porque eram muitos e sempre o perseguiam que elle sahiu de lanterna accesa, de dia, procurando um homem! No entanto succedeu a Diogenes o mesmo que a Chico Minhóca, na terra do derradeiro Andrada, quando este em moleque, com outros figurões e bispos, corriam-no a vaias e pedradas... E quem sabe se Minhóca, com o correr dos tempos, não virá a ser um philosopho tão popular como Diogenes. Para isso basta apenas que alguem se lembre de lhe attribuir a autoria das "Cartas Chilenas".

Depois, os maus meninos deixaram o philosopho encubado em paz e passaram a derriçar as ameixeiras e a se encherem das indigestas e celebres ameixas de Corintho. E foi tal a gulodice delles, tantas, tão verdes e a toda hora comeram, que a indigestão generalisada prenunciava catastrophe nacional! A moral, a familia, o futuro da raça, o patriotismo e até o instincto guerreiro, ameaçavam dissorar nas indigestões do homem de amanhã. Todas as forças vivas da nação repousavam na integridade gastrica dos maus meninos; mas evitar o mal era quasi impossivel, porque a principal industria do paiz era a producção de ameixas e creanças. Naquelles tempos não havia grilo para evitar os agrupamentos... Impraticaveis todos os alvitres dos grandes do estado, foi ouvido a respeito tambem o philosopho. Diogenes sorriu de si para si; viu, antes de mais nada, a sua desforra, depois, a ignorancia dos homens e, sorrindo então para os outros, aconselhou sábia e laconicamente — "Cortem-se as ameixeiras..."

A philosophica medida foi acceita e executada de prompto. Houve uma derrubada geral das ameixeiras damninhas; o cynico gosou e a pequenada voltou á saude, para garantia da raça e do futuro.

Nós tambem andámos ás voltas com a damninheza voraz da nossa petizada; buscámos, em todos os alvitres, uma solução para o caso dos cinemas, onde elles, os petizes, estão comendo a ameixa indigesta da sciencia do bem e do mal. Depois de lembrados todos os meios para se regulamentar a gulodice cinematographica dos bons meninos, um philosopho moderno e prestimoso — sem fome nem cuba — imaginou um codigo dos menores que o engenho humano tem creado. A applicação da lei virou devassa, embora o seu espirito fosse o contrario. Os maiores, sem codigo, ao contrario dos de Corintho que derrubaram as ameixeiras, guardaram para si os bellos fructos que os frangotes espiavam de longe, lambendo os beiços.

Se Chico Minhóca estivesse consagrado pelo uso dos seculos, o nosso grande philosopho e se, então, andasse pelas nossas ruas, alta noite, de lanterna furta-fogo, procurando uma mulher, talvez tivesse tido a sábia lembrança de aconselhar laconica e cynicamente: — "Podem-se os cinemas..." Formigões para isso não faltariam e a coisa correria mais suavemente, sem codigos nem devassas na vida alheia, que é mais nossa que dos outros...

Afinal de contas tudo isso não vale um chute — os maiores guardam para si as ameixeiras publicas e officiaes, emquanto os menores pulam os muros e continuam comendo as ameixas do vizinho.

PAULO DE S. PAULO

ESTABELECIMENTO
GRAPHICO
PHŒNIX
RUA DO CARMO, 72